



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

VITÓRIA DOS SANTOS MARQUES DOS REIS

**RESSIGNIFICANDO O MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA: ENSINO DE
HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Brasília
2025

VITÓRIA DOS SANTOS MARQUES DOS REIS

**RESSIGNIFICANDO O MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA: ENSINO DE
HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho Final de Curso em monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dra. Renata Silva Almendra.

BRASÍLIA

2025

TERMO DE APROVAÇÃO

Vitória dos Santos Marques dos Reis

RESSIGNIFICANDO O MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA: ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Comissão examinadora:

Prof.^a Dr.^a Renata Silva Almendra - Orientadora
(Departamento de Métodos e Técnicas) (FE/UnB)

Prof.^a Dr.^a Caetana Juracy Rezende - Membro da Banca
(Departamento de Teoria e Fundamentos) (FE/UnB)

Prof.^a Msc Mônica Padilha Fonseca – Membro da Banca
(Instituto Federal de Brasília – Curso de Pedagogia)

Prof.^a Dr.^a Luciana Magalhães Portela
(Curso de Museologia – Faculdade de Ciências da Informação / UnB)

BRASÍLIA
2025

CIP - Catalogação na Publicação

R375r Reis, Vitória dos Santos Marques dos.
Ressignificando o Museu Vivo da Memória Candanga: ensino de história local nos anos iniciais do ensino fundamental / Vitória dos Santos Marques dos Reis;

Orientador: Renata Silva Almendra. Brasília, 2025.
57 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia)
Universidade de Brasília, 2025.

1. Museu Vivo da Memória Candanga. 2. História de Brasília. 3. Ensino de História. 4. Anos iniciais do Ensino Fundamental. I. Almendra, Renata Silva, orient. II. Título.

Dedico este trabalho, primeiramente, a mim mesma, por todo meu suor e esforço, pois apesar de tantos obstáculos busquei seguir em frente e me superar cada vez mais, mesmo quando parecia que não havia mais alternativas. E dedico também a todas as pessoas que foram essenciais e me deram forças para continuar a minha trajetória.

A História estuda o passado, e é o passado que pode nos dar alcance para a compreensão do futuro desse mesmo passado, ou seja, o presente vivido.

- *Kátia Abud.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado forças para continuar seguindo em frente apesar de todas as dificuldades que enfrentei até aqui.

Agradeço também a minha mãe, Margarete, que nunca deixou que eu desistisse dos meus estudos, que me ajudou a vender latinhas e cobre para que eu pudesse ter dinheiro para conseguir chegar à escola, já que eu ainda não tinha sido aprovada para ter acesso ao passe livre estudantil. Ela quem me ajudou a montar novos cadernos a partir de cadernos velhos que encontrávamos na rua e trazíamos para casa. Canetas, lápis e borrachas que ela também achava na rua quando eu estava sem material escolar algum para ir à escola. Agradeço a tudo e exatamente tudo que ela fez por mim e por acreditar em mim, te amo, mãe.

Agradeço também a minha irmã Jéssica, que apesar de toda a infância conturbada que tivemos e dos nossos desentendimentos, cuidava de mim do jeito que conseguia e podia, e me apoiava em todos os meus planos e hoje, do jeitinho dela, mostra que está orgulhosa de quem me tornei.

Agradeço também a minha mãe de coração, Tatiana, que foi muito essencial na minha formação durante os anos iniciais e também enquanto pessoa, sempre me apoiando e me acolhendo com todo coração, sempre me mostrando que eu podia fazer coisas incríveis e ampliando meus horizontes. Agradeço também por você ter sido tão incrível na minha vida a ponto de ter se tornado minha inspiração para me tornar pedagoga e obrigada por tudo mesmo.

Agradeço também aos professores que me marcaram, me inspiraram e potencializaram cada vez mais o carinho e admiração pela profissão docente durante a minha educação básica e superior, que não citarei os nomes por serem muitos e alguns possuo apenas lembranças, não me recordo de seus nomes.

Agradeço ao meu avô Leandro, por mesmo de longe me amar e me apoiar, por tirar tantos risos sinceros de mim e por aquecer meu coração sempre que nos falamos, te amo, vô.

MEMORIAL

Me chamo Vitória dos Santos Marques dos Reis, tenho 21 anos, nasci no Paranoá - DF, mas cresci no Itapoã - DF. Venho uma família muito humilde e com um largo histórico de vulnerabilidade social, então estar aqui hoje escrevendo meu próprio TCC é uma grande vitória para mim e para minha família, já que sou uma das três pessoas em toda a minha família que conseguiu ingressar em um curso superior. Sempre estudei em escolas públicas e, diga-se de passagem, acredito muito no ensino delas, apesar de suas falhas.

Desde muito cedo tive que ser inserida em espaços educacionais, sejam eles públicos ou não, pois minha mãe é mãe solo e não conheci o meu pai, então foi ela sozinha para tomar conta de mim e de minha irmã, duas crianças pequenas na época. Quando eu tinha cerca de 2 a 3 anos, minha mãe teve que me matricular em uma creche privada e matricular minha irmã no Centro de Educação Infantil 01 do Paranoá, pois ela não podia mais nos levar com ela para o seu trabalho. Foi uma experiência um pouco ruim para mim, pois as pessoas que trabalhavam nessa creche eram pessoas completamente despreparadas e sem formação alguma para cuidar de crianças. Eu chorava muito, pois não sabia quem eram aquelas pessoas, não havia nenhum rosto conhecido para que eu me acalmasse, não sabia por que minha mãe havia me deixado ali, não sabia se minha mãe voltaria para me buscar e a única coisa que eles faziam era me deixar sozinha chorando. Daí a importância de os pais apresentarem antecipadamente a creche e explicar para as crianças porque elas ficarão ali e que eles voltarão para buscá-las.

Quando completei 3 anos e 8 meses, minha mãe não teve mais condições financeiras de me manter na creche privada, então ela recorreu ao Centro de Educação Infantil em que minha irmã estudava para tentar me matricular também, mas na época a instituição não pôde me receber, pois aceitava somente crianças a partir de 4 anos de idade. Lembro que estava presente este dia e minha mãe perdeu o chão ao receber esta notícia, pois o que ela faria agora comigo? Eu era apenas uma criança pequena, mas mesmo sem compreender bem o que estava acontecendo, me partiu o coração ver minha mãe chorar contando nossa história e implorando para que a diretora me aceitasse na instituição. Por fim, a diretora na época me matriculou, mesmo eu ainda não tendo completado a idade necessária. Os anos que passei neste Centro de Educação Infantil me marcaram muito positivamente, apesar de eu ter que acordar muito cedo para ir para lá, já que eu saía a pé da Quadra 2 do Itapoã para chegar às 07:00 da manhã na Quadra 16 do Paranoá. Lá passei por muitas boas experiências, fui realmente muito acolhida, recebi muito carinho e sempre guardarei as lembranças muito especiais que tenho de lá.

Quando completei 6 anos fui matriculada na Escola Classe 01 do Itapoã. Lá passei por muitas experiências boas, conheci pessoas realmente maravilhosas, mas também foi um período em que meus problemas pessoais acabaram afetando minha vida escolar. Por isso digo que conheci pessoas maravilhosas, pois ao invés de me dar apenas como um caso perdido, me acolheram. Algumas coisas que me marcaram foram a escola não aceitar os uniformes que na época o governo distribuía, aceitar apenas os que a escola vendia. Apesar de muitos pais possuírem o mesmo perfil de vulnerabilidade que a minha família, ainda davam um jeito de comprar os uniformes da escola, mas minha mãe realmente não tinha condições de comprar, então ela teve que recorrer ao diretor que, mesmo com muita resistência, acolheu a demanda e passou a aceitar que as crianças cujas família não possuíam condições de comprar os uniformes poderiam usar os do governo. A professora Tatiana Cavalcanti Barra, que me deu aula nos 2º, 3º e 5º anos, foi uma peça-chave para eu ter optado por me tornar professora, aprendi muito com as aulas dela, com a didática que ela tinha, com o amor, o cuidado e a atenção que ela tem por seus alunos.

Aos meus 11 anos fui matriculada no Centro de Ensino Fundamental Doutora Zilda Arns do Itapoã. Posso dizer que, apesar dos problemas pessoais que também afetaram minha vida escolar nessa época, foi uma das melhores etapas da minha vida escolar durante a Educação Básica, pois pude potencializar minha identidade, aprender e conhecer coisas e pessoas novas, amadurecer. Conheci diversos tipos de professores, desde os que me inspiraram a que tipo de professora eu quero ser até o tipo de professora que eu não quero ser.

Na época minha família foi cortada do Cartão Material Escolar do GDF e eu fiquei sem material escolar, já que eu dependia deste benefício para garantir meus materiais todos os anos. Então tive que pedir cadernos velhos para vizinhos, “catar” cadernos velhos na rua para poder montar novos cadernos com as folhas limpas, fiz isso até no Ensino Médio. Tive diversas oportunidades de desistir, mas preferi resistir, pois minha única opção era estudar. No Ensino Fundamental 2 foi onde eu descobri também a minha paixão pela história, mas não a história sistematizada que nos é ensinada na escola, mas a história mesmo, a história não contada.

Enquanto os professores iam narrando e descrevendo os acontecimentos históricos eu ficava tentando imaginar fatos para além do que estava ouvindo, como “como era a sociedade naquele tempo?”, “e o resto da sociedade como viviam?”, “como eram os costumes?”, “e os mais pobres?”, “e as crianças?”, “isso tudo afeta hoje?”. Isso me deixava muito intrigada e sempre vibrava quando algum professor contava uma curiosidade ou um fato que estava fora da história que era a mais transmitida pelos professores.

Aos 15 anos fui matriculada no Centro de Ensino Médio 01 do Paranoá. Lá minha vida escolar foi mais parada e ao mesmo tempo cansativa, pois eu tinha que estagiar e ir para a escola no contraturno. Me submeti a trabalhar porque a situação financeira em casa estava difícil. Foi uma guerra com a escola, porque não aceitavam o fato de eu e mais alguns estagiários terem que chegar 30 minutos atrasados por trabalhar longe da escola. Então, com muita briga, conseguimos autorização para chegar esses 30 minutos atrasados sem sermos punidos. Me deparei também com professores mais heterogêneos do que os do meu ensino fundamental. Terminei meu ensino médio ainda na pandemia do COVID -19, foi meio desanimador, porque era tudo remoto, alguns professores e alunos não tinham recursos para aula online, nem espaço adequado, outros nem sabiam mexer nas plataformas, então foi um caos. Quase desisti dos meus estudos, eu literalmente terminei meu 3º ano do ensino médio sem aprender muita coisa.

Aos 18 anos, ainda durante a pandemia, consegui passar no Exame Nacional do Ensino Médio. Passei para o Curso de Pedagogia em duas instituições: a Universidade de Brasília e o Instituto Federal de Brasília, no polo de São Sebastião. Por São Sebastião ser muito mais longe da minha casa do que a UnB, e as inscrições para a UnB acesso ENEM só abririam mais tarde, resolvi arriscar e esperar para me matricular na UnB. Assim que consegui entrar, fiquei muito feliz, mesmo sem ter certeza de que queria mesmo continuar com meus estudos, ao ler “Aprovada” no site.

Iniciei meus estudos na UnB ainda durante a pandemia. Foram dois semestres remotos, não estranhei muito ter aulas remotamente, pois já havia vindo do ensino médio no remoto, então não me causou tanto estranhamento. Foi gratificante quando minha ficha caiu no primeiro dia de aula e eu só conseguia pensar “meu Deus agora sou uma universitária”. Até hoje ainda consigo sentir o mesmo sentimento do primeiro dia de aula quando minha ficha caiu e eu vejo onde eu consegui chegar. Apesar de ter gostado da minha experiência no remoto eu percebia que era bem solitário, porque nos víamos apenas por tela, nem todos, inclusive eu não ligava as câmeras, não sabíamos como eram realmente os professores e os colegas, tanto que foi estranho quando voltamos a ter aulas presenciais e sabíamos os nomes dos colegas, mas não reconhecíamos os rostos. Porém ainda sim foi uma experiência muito boa.

A volta ao presencial foi um pouco complicada, pois me deparei com problemas diferentes dos problemas que enfrentava no remoto, como ter que me deslocar de casa, enfrentar engarrafamentos, me deslocar de um prédio para o outro, estar sempre correndo para chegar na hora certas nas aulas, fazer deveres e leituras no ônibus, correr para conseguir almoçar no RU e de lá ir para o estágio. Às vezes tive professores compreensivos e que adaptaram as aulas para

que quem não conseguisse ficar até o final não saísse tão prejudicado, mas também tive professores bem rigorosos e que só davam a opção de trancar a disciplina se não conseguisse alcançar o ritmo da turma.

Esses foram os menores problemas que enfrentei durante a graduação. O maior mesmo que enfrentei foi sobre a questão emocional, pois nem sempre minha saúde mental estava boa para acompanhar o ritmo da turma e as tarefas a serem cumpridas. Houve diversas reações em relação à minha demanda, por exemplo, houve uma vez que tive uma crise horrível de ansiedade e não consegui realizar a prova de uma disciplina. Recorri à professora e ela acolheu minha demanda e reconheceu que eu realmente não estava em condições de realizar a prova, então ela me deixou fazer a prova novamente quando estava me sentindo melhor. Por isso é tão importante quando se trata de avaliação não resumir o estudante a uma nota, mas levar também em consideração outros elementos e a especificidade dos estudantes. Porém teve outro caso em que eu tive uma crise de ansiedade horrível e pedi para a professora apenas algumas horas a mais para entregar meu trabalho, pois não conseguiria entregar no horário proposto. Expliquei toda a situação, ela foi extremamente grossa e disse que era meu dever programar até quando eu fosse ficar doente. Ela até me deu as horas a mais, mas me deu o maior sermão, o que só piorou minha ansiedade, tive que dar um jeito, com crise ou sem, de entregar o trabalho mesmo que “mal-feito”.

Para finalizar este memorial falarei como surgiu a ideia de falar sobre o tema deste TCC, que aborda as narrativas hegemônicas sobre a história de Brasília e seus impactos no ensino de História nos anos iniciais. Como falei anteriormente durante o Ensino Fundamental 2 descobri minha paixão pela História, porém ao longo da minha trajetória escolar essa paixão foi sendo adormecida e eu havia me “esquecido” dela. Quando estava no 5º semestre do curso de Pedagogia, me matriculei na disciplina “Ensino de História, Identidade e Cidadania” em uma sexta à tarde com a Prof.^a Dra. Renata Silva Almendra. Foram as aulas desta professora que acordaram minha paixão pela história, especialmente as histórias não contadas de Brasília e do Distrito Federal. Isso contribuiu muito para a construção do meu tema. Mas a “cereja do bolo” mesmo foi assistir ao vídeo da palestra da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, cujo tema era “O perigo de uma história única”, no qual ela conta um pouco sobre as histórias de vida dela, sobre como uma única história pode sobressair às demais, como isso pode acabar criando estereótipos e como podemos acabar invalidando a identidade de outra pessoa a partir dos estereótipos. Esta palestra, juntamente com o que foi visto durante todo o semestre sobre

história e memória, me deu este tema. Fiquei super feliz quando a Renata abraçou meu tema e aceitou me orientar.

RESUMO

A história oficial da construção de Brasília é permeada de narrativas que contribuem para a invisibilização de muitos indivíduos que foram fundamentais para a construção da cidade, além dos que já ganham mais destaque como Kubitschek, Lucio Costa e Niemeyer. A importância e as histórias destes indivíduos invisibilizados, os candangos e candangas, não são mencionadas na dita história oficial, então estes acabam por ficar sem identidade. Sendo assim, essa pesquisa parte de uma revisão bibliográfica para investigar a repercussão das narrativas hegemônicas no contexto do ensino da história de Brasília. O trabalho chegou ao resultado de como pode ser problemático ter uma narrativa hegemônica sobre Brasília e apontando importância da revisão dessa narrativa para o ensino de história local nos anos iniciais. Nesse sentido, analiso o Museu Vivo da Memória Candanga e discuto como a exposição “Poeira, lona e concreto” reforça esta narrativa de uma história com um único ponto de vista. Por fim é apresentada uma proposta de visita ao museu com um grupo escolar do 4º ano do ensino fundamental, onde um dos principais objetivos é dar voz e identidade aos candangos invisibilizados.

Palavras-chave: Museu Vivo da Memória Candanga; História de Brasília; Ensino de História; Anos iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The official history of the construction of Brasília is permeated by narratives that contribute to the invisibility of many individuals who were fundamental to the construction of the city, in addition to those who have already gained more prominence, such as Kubitschek, Lucio Costa and Niemeyer. The importance and stories of these invisible individuals, the candangos and candangas, are not mentioned in the so-called official history, so they end up without an identity. Therefore, this research starts from a bibliographic review to investigate the repercussion of hegemonic narratives in the context of teaching the history of Brasília. The work reached the conclusion that having a hegemonic narrative about Brasília can be problematic and points out the importance of reviewing this narrative for teaching local history in the early years. In this sense, I analyze the Museu Vivo da Memória Candanga and discuss how the exhibition “Poeira, lona e concreto” reinforces this narrative of a history with a single point of view. Finally, a proposal is presented for a visit to the museum with a group of 4th grade elementary school students, where one of the main objectives is to give voice and identity to the invisible candangos.

Keywords: Museu Vivo da Memória Candanga; History of Brasilia; History Teaching; Initial years of Elementary School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - Um olhar crítico para a História de Brasília: narrativas hegemônicas e contranarrativas	17
CAPÍTULO 2 - O Museu Vivo da Memória Candanga: narrativas da história da construção de Brasília	28
CAPÍTULO 3 - Ressignificando o Museu Vivo da Memória Candanga: uma proposta de visita escolar	42
Primeiro momento: Em sala de aula	45
Segundo momento: Visita ao Museu Vivo da Memória Candanga.....	51
Terceiro momento: A reta final.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a repercussão das narrativas hegemônicas no contexto do ensino da história de Brasília e o período de construção da cidade. A temática surgiu através das aulas da disciplina “Ensino de História, Identidade e Cidadania”, conduzidas pela Prof.^a Dra. Renata Silva Almendra, onde discutimos bastante as histórias do Distrito Federal e suas Regiões Administrativas (RA’s), a importância da história e memória, da história local e oral. E foram as aulas desta professora que acordaram minha paixão pela história, especialmente as histórias não contadas de Brasília e do Distrito Federal. Como não conhecia muitas delas, isso fez com que eu sentisse mais sede por investigar o assunto. Isso contribuiu muito para construção do meu tema, mas meu maior incentivo mesmo foi assistir ao vídeo da palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, cujo tema era “O perigo de uma história única”. Nessa palestra, Chimamanda conta um pouco sobre as histórias de vida dela, desde sua infância até vida adulta, sobre como uma única história pode sobressair às demais, como isso pode acabar criando estereótipos e como podemos acabar invalidando a identidade de outra pessoa a partir dos estereótipos. Esta palestra, juntamente com o que foi visto durante todo o semestre sobre história e memória, me despertou para este tema.

Acredito que este tema pode contribuir para que os estudantes se sintam mais identificados com a história de Brasília, para fazer com que mais histórias além da que é repassada em massa sejam também ouvidas, reconhecidas e contadas e, principalmente, para que os estudantes olhem com um olhar mais crítico, mais questionador, mais investigativo não só para a história oficial de Brasília, mas também para as demais histórias que, ainda aos poucos, estão sendo reconhecidas e divulgadas.

O objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é discutir como a história de Brasília é pautada por uma narrativa hegemônica que culmina na invisibilização de sujeitos, territórios e suas histórias diversas. Os objetivos específicos são: discutir porque pode ser tão problemático ter uma narrativa oficial sobre Brasília; discutir por que é importante que essa história seja revista; analisar o Museu Vivo da Memória Candanga e como ele pode estar contribuindo para o reforço dessa narrativa única; e, por fim, apresentar uma proposição de uma visita escolar no museu.

Para se alcançar todos os objetivos aqui elencados, a metodologia empregada nesta pesquisa foi majoritariamente bibliográfica e de cunho qualitativo e exploratório,

tendo como base para os diálogos teóricos autores como Chimamanda Adichie, Renísia Garcia-Filice e Cristina Leite, Ricardo Pacheco, Maria Cecília Gabrielle, Maria da Glória Gohn, Francisco Régis Lopes, Cyntia Temoteo Silva e Karolline Santos. Também em uma perspectiva metodológica foram realizadas visitas ao museu para observação e análise da exposição permanente “Poeira, lona e concreto”.

Esta monografia é composta de três capítulos bem delimitados, porém que conversam entre si.

No primeiro capítulo, nomeado de “Um olhar crítico para a história de Brasília: narrativas hegemônicas e contranarrativas”, foi discutido, em diálogo com a autora Chimamanda Adichie, a ideia de história única e seus impactos para a identidade de um grupo. Aproveitando esta discussão, busquei refletir sobre os elementos que reforçam a história oficial de Brasília como única, e explicitar que existem outras histórias.

Para o segundo capítulo nomeado de “O Museu Vivo da Memória Candanga: narrativas da história da construção de Brasília” descrevi brevemente a estrutura física do Museu Vivo da Memória Candanga, a história do museu desde sua construção enquanto hospital, quando se tornou museu até os dias atuais. Em seguida apresentei uma análise de sua exposição permanente nomeada de “Poeira, lona e concreto” e como alguns elementos presentes nesta exposição podem contribuir para o reforço de uma história hegemônica sobre Brasília, levando em consideração que o museu deveria tratar da história dos candangos, assim como seu próprio nome nos remete.

Para o terceiro capítulo intitulado “Ressignificando o Museu Vivo da Memória Candanga: Uma Proposta de Visita”, discuto a importância do museu enquanto espaço educativo, qual a relação entre museu e as escolas. Em seguida, apresento uma proposta pedagógica para usos das professoras¹ de uma visita com uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental. Esta atividade está em consonância com o Currículo em Movimento, documento norteador da educação do Distrito Federal, em que defino Los objetivos de aprendizagem pertinentes.

¹ Neste trabalho sempre será utilizado o termo professora no feminino, pois segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira em 2023, a maioria na docência da educação Básica hoje no Brasil são mulheres. Porém isto não impede que os docentes homens utilizem este trabalho também. Dados disponíveis em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil>.

Acesso em: 09 fev. 2025.

CAPÍTULO 1

Um olhar crítico para a História de Brasília: narrativas hegemônicas e contranarrativas

Histórias podem revelar muito sobre lugares, pessoas, objetos e até mesmo situações. Histórias também podem ter diferentes versões, pontos de vista e interpretações, sendo assim, nenhum desses aspectos devem ser desconsiderado.

Ao desconsiderar as diferentes histórias existentes e propagar massivamente apenas uma história sobre um povo, um país, um lugar, podemos invisibilizar pessoas, criar estereótipos, apagar identidades, invalidar histórias, causar exclusão. Contar uma história a alguém também significa poder e, assim como afirma a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009, p. 12):

O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com “em segundo lugar”. Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente.

Assim, se uma única história for propagada diversas e diversas vezes de forma massiva, seja ela fictícia, incompleta, verdadeira ou não, ela acabará se tornando uma história “definitiva”, pois é a que teve mais visibilidade, mais repercussão, mais adeptos. Contar uma história também significa poder, pois é possível moldá-la de acordo com interesses próprios de quem a está contando. Então é importante que sempre busquemos olhar para além das histórias que nos contam, não as aceitar apenas como únicas e acabadas, pois uma história tem diferentes lados, pontos de vista, interesses e versões.

Principalmente em se tratando de passado ou algo que não vimos ou vivemos diretamente, nos sustentamos nos relatos de outras pessoas, nas fontes históricas e outros vestígios desse passado a ser investigado. Sendo assim, é importante considerar todas as fontes históricas para buscar expandir nossos olhares, a partir de novas perspectivas epistemológicas.

Trazendo isso para o contexto da história da construção de Brasília, que é o objeto de análise deste trabalho, a história que geralmente ouvimos se centra apenas sobre a sua construção, os esforços empreendidos para transferência da capital e o contexto

desenvolvimentista em que o Brasil vivia na década de 1950. Nos Anos Iniciais, em que há a indicação curricular de se trabalhar a história local, essa narrativa segue predominante, com algumas variações que podem destacar o trabalho dos candangos, as migrações e os antecedentes históricos que justificaram e motivaram a ideia de mudança da capital do país para o interior.

Foi por volta de 1823 que a ideia de interiorização da capital começou a ganhar força com José Bonifácio, na época Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros do Brasil. Bonifácio reforçou a ideia de levar a capital mais para dentro do país e sugeriu Brasília como seu nome. Há registros também de que Dom Bosco, um sacerdote italiano, teria sonhado com o local onde Brasília seria construída.

Assim, apoiado nesses precedentes históricos, em 1892 foi enviado um grupo de cientistas para estudar e demarcar o local onde se construiria a nova capital, a chamada Missão Cruls. E em 1956, pelas mãos de Juscelino Kubitschek, o então presidente da época, com a parceria de Lucio Costa, arquiteto e urbanista, que desenhou o mapa da capital, e de Oscar Niemeyer, arquiteto responsável pela idealização dos monumentos, finalmente, saíria do papel tal projeto de Brasília, que foi pensado durante séculos.

Não há problema nenhum em contar essa história às crianças, ou a qualquer outro indivíduo, pois ela também é uma das histórias da construção de Brasília. Porém se torna uma questão a ser analisada a partir de uma perspectiva crítica quando essa história é propagada de forma muito massiva e acaba se tornando de alguma forma a História Oficial da Construção de Brasília. Sabemos que já havia muita coisa no Planalto Central antes da construção da capital, como as cidades de Planaltina e Brazlândia (que remontam a 1859 e 1933, respectivamente), e é necessário que se destaque esse fato, bem como outros fatos da época da Missão Cruls, como apontam as professoras Cristina Leite e Renísia Garcia-Filice (2015, p.66):

Assim, no ano de 1893, numa região com baixa densidade de ocupação, mas nem por isto desocupada (há de se destacar), caracterizada por pecuária extensiva e rota de passagem para o comércio de gado bovino, a passagem do astrônomo Luis Cruls demarcou fortemente estes territórios. Anos mais tarde, ao abrigar a capital da República do País, toda a movimentação desencadeada para “receber” o “novo” modificaria de modo irreversível a vida das comunidades e o processo de ocupação desta localidade.

E para a construção de Brasília, além das pessoas que já estavam aqui e também foram essenciais na construção da capital, vieram pessoas de diferentes lugares do país, com diferentes histórias de vida, diferentes sonhos e características. Quem eram essas

pessoas? O que elas deixaram para trás? E o que aconteceu com elas depois da construção de Brasília? Isso é importante e deve ser explorado com as crianças, para elas entenderem como o Distrito Federal se tornou o que ele é hoje e que ele não se resume apenas à história oficial da construção de Brasília.

Agora, trazendo para uma análise mais pontual, é possível perceber elementos que podem reforçar uma espécie de história hegemônica sobre Brasília. Como primeiro elemento a ser analisado temos as fotografias de Juscelino Kubitschek e Lucio Costa na “Avenida Monumental”, onde hoje conhecemos como Eixo Monumental e a fotografia do local onde foi denominado como o “Marco Zero” de Brasília respectivamente.

Imagem 1: Lucio Costa e Juscelino Kubitschek em 1957.



Fonte: Arpdf/BR DFARPDFNOV_Revista Brasília nº 04, disponível em:
<https://www.arquivopublico.df.gov.br/praca-do-cruzeiro/>

Imagem 2: Marco Zero de Brasília.



Fonte: Arpdf/BR DFARPDF NOV_Revista Brasília nº 07, disponível em <https://www.arquivopublico.df.gov.br/pracadocruzeiro/>

Agregando ao contexto das imagens, no site do Arquivo Público do Distrito Federal, de onde as imagens acima foram retiradas, foram colocados os seguintes textos nomeados respectivamente: “O Cruzeiro – abril de 1957: presenciou o espanto do urbanista Lucio Costa” e “Praça do Cruzeiro – abril de 1957: assiste o dia do nascimento de Brasília”:

Era 2 de abril de 1957, na primeira e única visita que Lucio Costa fez ao lugar onde Brasília seria construída, estando ao lado de JK e do Cruzeiro que permitia ver várias picadas [25] preparadas para iniciar os trabalhos de locação da cidade, pela primeira vez pode pisar no terreno em que sua criação iria pousar... e se extasiou com o que viu: *“Fiquei apavorado. Meu Deus, que loucura, onde eu fui me meter. Aí foi que senti a escala desmedida. Me pareceu uma coisa em outra escala, diferente daquela em que eu tinha concebido a cidade, que, mentalmente, era mais compacta.”*

Em 16 de março o concurso nacional havia escolhido o projeto urbano de Lucio Costa para a construção da cidade capital. As coordenadas foram calculadas no Rio de Janeiro por Augusto Guimarães Filho, escolhido por Lucio Costa para levar o projeto adiante, e foram enviadas ao chefe da equipe de topógrafos da NOVACAP: Joffre Mozart Parada. O dia seria histórico! O Vértice nº 8 do IBGE já estava lá na Praça do Cruzeiro a indicar as referências topográficas. Cientes da importância do momento, o Cruzeiro foi escolhido como testemunha oficial do evento. Toda a equipe se colocou ao redor da enorme cruz para a foto histórica. *“Em 20 de abril, 16 homens, entre*

topógrafos, ajudantes de topógrafos e motoristas, pousaram para uma foto histórica, no Cruzeiro, ao lado de Joffre Parada. Naquele dia, íamos cravar o primeiro marco do Plano Piloto. [...] Com uma equipe de uns 10 homens, fomos descendo com o teodolito, locando o Eixo Monumental até a Praça dos Três Poderes.” [1] Quem fincou à Estaca Zero no chão foi o engenheiro e agrimensor Ronaldo de Alcântara Velloso.[2] A partir daquela colina que tudo testemunhava, nascia Brasília.²

Atualmente, a partir de um olhar mais crítico e revisionista dessa história hegemônica, muitos possuem conhecimento de que antes, aqui neste quadrilátero onde hoje se encontra erguida Brasília, haviam assentadas cidades como Planaltina e Brazlândia, inúmeras fazendas e até mesmo uma comunidade quilombola - o Quilombo Mesquita.

No entanto, por vezes esse aspecto da pré-ocupação do território do Planalto Central antes da construção de Brasília não é exposto às crianças. Geralmente a história começa a ser contada a partir da vinda dos candangos para Brasília para atuar na construção e o início das obras. Quando há alguma referência a um período anterior à própria construção, são destacados os preceitos constitucionais anteriores ou o sonho de Dom Bosco, datado de 1883, sempre num caráter de justificar e fortalecer os argumentos a favor da mudança da capital.

Isso fica nítido nas imagens acima, onde o Planalto Central sempre aparece como apenas um grande sertão onde não há nada mais além de árvores e poeira. Destaca-se que em suas legendas o foco está sempre em alguns dos personagens que participaram dessa empreitada e o quão importante este momento histórico foi para o país. Esse fato também é perceptível na própria fala de Lucio Costa, em sua primeira e única visita ao local aonde viria posteriormente a ser a Capital do país. Ele parece ter se deparado com uma realidade bastante distinta da que ele esperava, o que nos passa uma impressão de que pouco se falava sobre as características do lugar.

É possível que muitos migrantes tenham vindo para Brasília sem ao menos ter ideia do que iriam encontrar, mas muito em busca do Eldorado, uma terra cheia de oportunidades. Garcia-Filice e Leite destacam que a repercussão da mudança da Capital do país para o interior foi tamanha que o que veio antes disso praticamente foi desconsiderado, como se o processo de ocupação do interior do país houvesse sido reiniciado:

² Site do Arquivo Público do Distrito Federal, disponível em <https://www.arquivopublico.df.gov.br/praca-do-cruzeiro/>, acesso em 24 out. 2024.

A despeito da enorme repercussão, a construção da capital ocorreu e sua inauguração, em 21 de abril de 1960, estabeleceu um novo marco no processo de ocupação do território, desencadeou um redirecionamento dos fluxos migratórios, até então fortemente orientados ao eixo Rio - São Paulo, e estabeleceu uma nova História para o lugar, e nesta, populações inteiras e múltiplas vivências foram desconsideradas. Como exemplo citamos o município de Planaltina (1859), já existentes em Goiás, e que foi fragmentada em Planaltina de Goiás e Planaltina do Distrito Federal, em virtude da demarcação do quadrilátero, o que significou a perda de suas terras para o DF e a subversão de sua própria História, tendo que subjugar-se à Brasília (Garcia-Filice e Leite, 2015, p. 67).

Na história oficial de Brasília é dada muita ênfase nos indivíduos que vieram de fora de Goiás para trabalhar nas obras, porém muito pouco se fala sobre os indivíduos que aqui já estavam e também contribuíram para as obras, o que reitera o discurso do vazio territorial e desconsidera o que aqui já estava. Um exemplo disso são os integrantes da comunidade do Quilombo Mesquita, que perderam parte de seus territórios com a vinda da Capital do país para o Centro-Oeste, pois “sem conseguir provar a titularidade da terra, parte de seus territórios foram desapropriados e ocupados pelo Estado” (Silva, 2018, p. 33). Mesmo tendo perdido parte de seu território, os integrantes da comunidade ainda contribuíram de diversas formas na construção de Brasília, seja na alimentação, hospedagem, carpintaria, entre outros. Como afirma Neres (2016, p. 65):

A construção da capital provocou na comunidade uma mistura de temor com ufanismo. Junto ao receio de perderem suas terras e terem seus hábitos mudados, viram a real possibilidade de lucros com o novo cenário. Tiveram seu protagonismo na construção de Brasília, por exemplo construindo as primeiras cantinas e hospedagens para a chegada dos candangos nas localidades onde posteriormente se construiriam as cidades Núcleo Bandeirante e Candangolândia.

A comunidade do Quilombo Mesquita³ também foi essencial na construção do Catetinho, residência oficial de Juscelino Kubitschek, erguida para que ele pudesse acompanhar a construção de Brasília. A matéria “A história do Quilombo que ajudou a erguer Brasília - e teme perder terras para condomínios de luxo”, da British Broadcasting Corporation News Brasil⁴, um site de notícias que transmite informações sobre diversos

³ O Quilombo Mesquita é uma comunidade quilombola na área rural do DF. Possui mais de 270 anos de existência e foi essencial para a construção de Brasília. O quilombo também possui um papel de extrema importância na área da preservação ambiental. Disponível em: <https://ecam.org.br/blog/quilombo-mesquita-boas-praticas-da-agricultura-familiar/>. Acesso em: 09 fev. 2025.

⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil44570778#:~:text=Catetinho,desde%20o%20in%C3%ADcio%20C%20em%201956>, acesso em 24 out 2024.

assuntos para muitos países do mundo, tratou da homenagem que o Governo do Distrito Federal fez em 2012, 52 anos após a construção da cidade, à Sinfrônio Lisboa da Costa. Sinfrônio era morador do Quilombo Mesquita e foi um dos carpinteiros que contribuiu para a construção do Catetinho e que também, segundo a matéria acima citada, costumava contar que hospedava Kubitschek em sua casa na época da construção da nova Capital Federal.

Sinfrônio veio a falecer posteriormente, em 2015, aos 90 anos de idade. Mas no dia de sua homenagem lamentou não ter ao seu lado os companheiros que o acompanharam na época, afirmando que eles também mereciam estar recebendo o reconhecimento que ele estava tendo naquele momento. Abaixo (imagem 4) é possível ver Sinfrônio (à direita da foto, usando chapéu) acompanhado de alguns outros trabalhadores na época da construção de Brasília.

Imagem 3: Sinfrônio Lisboa recebendo homenagem do GDF em 2012.

Imagem 4: Sinfrônio Lisboa em obras do Catetinho.



Fonte: BBC News Brasil. Créditos: Fundação Cultural Palmares./ Fonte: Arquivo Público do DF.

Toda esta contextualização até aqui nos leva a refletir sobre quanto tempo demorou para que até o próprio poder público reconhecesse o protagonismo de algumas importantes figuras do período da construção da capital, historicamente “esquecidos” ou invisibilizados da história hegemônica, como no caso de Sinfrônio. Como já destacamos, a narrativa oficial da construção de Brasília dá créditos a umas poucas personalidades, como Juscelino Kubitschek, Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Porém, como dito anteriormente, contar uma história não implica apenas no ato de se contar um ocorrido, um fato. Contar uma história também é um ato de poder. Se as histórias são contadas por indivíduos que detêm mais poder em uma sociedade, logo elas recebem muito mais

visibilidade, se as histórias são contadas por indivíduos com pouco ou nenhum poder, essas histórias são pouco ou nem são ouvidas. Como afirma Adichie (2009, p. 16):

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Para finalizar o capítulo, trataremos de um último elemento que geralmente é pouco abordado na História de Brasília e que é também uma das nossas conexões com o próximo capítulo: o que aconteceu após a inauguração? O que aconteceu com a Cidade Livre, que abrigou os trabalhadores migrantes por tanto tempo?

Nos planos do Governo Federal, me parece que Brasília não foi pensada para ser uma cidade para todos, mas sim para alguns, de preferência membros do funcionalismo público e outras figuras importantes, não havia espaço para quem não estivesse nesse círculo. Não parecia estar nos planos de Kubitschek e demais idealizadores da mudança da capital, que aqueles indivíduos que vieram dos quatro cantos do país para trabalhar na construção, com a promessa de mudança, emprego e esperança, quisessem se estabelecer e morar na nova cidade. Já que isso fica claro com a intenção do poder público de construir locais a serem derrubados posteriormente a inauguração da cidade. O que muitos encontraram em Brasília não era a bonança, como era difundido nas propagandas.

Na imagem 5, a seguir, temos um jornal da época que anuncia poucos dias para a inauguração da nova capital e também traz notícias positivas e incentivadoras sobre a cidade. No entanto, sabemos que essa não era uma realidade para todos. Muitos largaram tudo o que tinham com a esperança de melhoria de suas condições de vida e encontraram uma situação de insalubridade, falta de moradia, sofrimento.

Imagem 5: Recorte do Jornal O Globo com propaganda mudancista, 1960.

FALTAM 36 DIAS PARA A MUDANÇA!

Lembre-se de Belo Horizonte... Marília... Londrina... Cidades novas com futuro certo!

BRASÍLIA O ESPERA!

500 PESSOAS DE VISÃO - NO LANÇAMENTO - SE DECIDIRAM POR SANTA MARIA DO PLANALTO

A 60 MINUTOS DA NOVA CAPITAL NA ZONA SUL DE BRASÍLIA

DUAS FRENTES PARA A RODOVIA PAVIMENTADA RIO-SÃO PAULO BELO HORIZONTE-BRASÍLIA.

Faça o mesmo, reservando o seu lote em Santa Maria do Planalto, que oferece reais possibilidades de valorização:

- Todo o tráfego do sul do país, pára na sua porta
- 5 minutos do campo de aviação da cidade de Cristalina
- Água abundante e luz.

PREÇOS AINDA DE Cr\$ 30.000,
Em prestações mensais de Cr\$ 750,

Venha examinar este negócio, garantido por homens de responsabilidade.

Vendas hoje até às 20 horas.

soc. de promoções de vendas e representações PROFIT Ltda.

Rua da Quitanda, 30 - 8º andar - sls. 815 a 819 - Tels: 52-3361 - 42-5261
Av. Copacabana, 583 - s/503 - Tel. 36-4767
BRASÍLIA - Av. Central, 975 - Núcleo Bandeirante

Lotes especiais na privilegiada "Vila das Mansões"

BR. ArPDF.NOV.D.04.01.Z
Divisão de Divulgação/ Setor de Documentação
O GLOBO - Data: 16/3/1960

Fonte: Arquivo Público do DF.

Além de Brasília, até pouco antes da construção da capital, foi erguida uma cidade, a Cidade Livre (Imagens 6 e 7, abaixo). A cidade era o ponto de chegada dos trabalhadores que vinham na época para ajudar na construção da capital do país. Porém, quando conseguiam trabalho nas construtoras, estes trabalhadores passavam a ir morar em seus alojamentos ou em acampamentos montados por eles mesmos. A Cidade Livre, hoje conhecida por nós como Núcleo Bandeirante, recebeu este nome também para incentivar que comerciantes viessem e pudessem estabelecer seu comércio livres de impostos. Mas havia também todo um acordo de que ao final da construção de Brasília a cidade fosse desmontada, ou seja, tudo temporário⁵.

⁵ <https://www.bandeirante.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em: 09 fev. 2025.

Imagens 6 e 7: Cidade Livre, 1958.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Nesta cidade havia de tudo um pouco, como hotéis, farmácias, óticas, oficinas mecânicas, marcenaria, estúdio fotográfico, agência bancária, havia até um cinema. Em 1957 foi inaugurado na cidade o Hospital do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, mais tarde batizado de Hospital Juscelino Kubistchek de Oliveira, que mais tarde ainda, em 1990, veio a se tornar o Museu Vivo da Memória Candanga⁶.

⁶<https://www.arquivopublico.df.gov.br/nucleos-de-apoio/>. Acesso em: 09 fev. 2025.

Imagem 8. Cidade Livre em 1957.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Ao final da construção de Brasília houveram muitas lutas para manter os acampamentos e as cidades temporárias como a Cidade Livre, que mais tarde vieram a formar as Regiões Administrativas que formam o Distrito Federal.

CAPÍTULO 2

O Museu Vivo da Memória Candanga: narrativas da história da construção de Brasília

O Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira⁷ (HJKO) é uma das edificações mais antigas do Distrito Federal. Fundado ainda durante a construção da capital, foi a terceira obra a ser erguida dentre todas que prestaram suporte para a construção de Brasília. Apesar de ter sido erguido em 1956, iniciou suas atividades apenas em julho de 1957. Em 1966 passou a funcionar como posto de saúde e em 1973 foi completamente desativado.

Este hospital não foi construído para ser um estabelecimento de saúde permanente:

Foi construído para ser demolido logo após a inauguração de Brasília, mas resistiu graças a manifestações e reivindicações populares. Prestou, por quase duas décadas, assistência médica à população candanga, que habitava os acampamentos das construtoras e que foi o núcleo gerador de três Regiões Administrativas (RA). (Gabriele, 2010, p. 1)

Na época era administrado pelo Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários (IAPI), que foi criado ainda no governo do ex-presidente Getúlio Vargas sob a Lei n. 367, de 31 de dezembro de 1936. O IAPI era subordinado ao Ministério do Trabalho, Indústrias e Comércio e sua função principal era conceder aposentadoria aos seus associados e pensão aos respectivos beneficiários, mas também garantia assistência médica, cirúrgica e hospitalar de seus associados por meio de contribuição própria, além de financiar projetos de moradia popular. Foi extinto pelo Decreto-Lei n. 72, de 21 de novembro de 1966.

O Hospital provia atendimento em clínica médica, clínica cirúrgica, pediatria e obstetrícia, raio-x, laboratório, enfermaria, pronto socorro, maternidade, sala de gesso, lavanderia, cozinha, refeitório, administração e Instituto Médico Legal com capela. Ali nasceram os primeiros brasilienses e morreram os primeiros candangos (Oliveira, 2015, p.2).

O hospital funcionava 24 horas por dia, auxiliando principalmente nos cuidados das pessoas que trabalhavam nas obras de Brasília, pois os acidentes de trabalho eram muito recorrentes, devido à falta de segurança, além das jornadas de trabalho exaustivas e das más condições de moradia e alimentação. O hospital possuía algumas instalações como ambulatório, centro cirúrgico, administração, serviços gerais, alojamentos para

⁷ Toda a descrição do HJKO se deu através da leitura do documento “Tombamento dos remanescentes do Complexo do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira”.

médicos e funcionários, laboratório de análise clínica, sala de ortopedia, maternidade, berçário e farmácia. Dividiu sua função hospitalar com o Hospital Distrital de Brasília, atual Hospital de Base do Distrito Federal, de 1960 a 1966, ano em que passou a funcionar apenas como posto de saúde.

A partir de 1974 as instalações foram abandonadas e passaram a sofrer com as ações do tempo e do clima. As edificações em madeira passaram a se deteriorar, mesmo com as reformas e cuidados dos ex-funcionários, que permaneceram morando nas instalações do hospital. Os moradores do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, por conta do forte vínculo que tinham com ele, queriam que o hospital fosse restaurado e preservado, porém temiam que ao ir embora daquele local ele fosse derrubado. Então, Nilton Ismael Rosa, um funcionário público e representante dos moradores do HJKO, entrou com uma Ação Popular contra o Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS), nosso atual Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), na intenção de conseguir que fossem proibidas a retirada dos materiais e a destruição das instalações do HJKO.

Aproveitou também para pedir uma solicitação de tombamento do hospital, mas não obteve respostas. Em 1984, as estruturas do hospital começaram a sofrer perdas significativas por conta da deterioração. Mas essas movimentações da população e de Nilton Rosa foram cruciais para o posterior tombamento do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Por conta do processo de tombamento das edificações ocorrido em 1985, as pessoas que ainda habitavam as instalações do hospital foram obrigadas a se retirar do local e, por meio do Decreto nº 9.036 de 13 de novembro de 1985, emitido pelo Governo do Distrito Federal, o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira foi tombado como Patrimônio Material do Distrito Federal. Por meio do tombamento, há o reconhecimento público da necessidade de se adotarem medidas de proteção ao patrimônio histórico e cultural, reconhecendo também a importância do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira no período da construção de Brasília e para além dela. A própria comunidade reivindica a preservação da área e da memória do hospital, que deixou sua marca na história do Distrito Federal. Em 1986, para evitar que o local ficasse abandonado e que as instalações sofressem mais ainda com as deteriorações, o DePHA - Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal - foi alocado nelas.

Um tempo depois o DePHA propôs que ali fosse um museu que contasse a história não oficial de Brasília, a história dos trabalhadores que fizeram a cidade, o que seria coerente e compatível com a arquitetura que se pretendia preservar. Assim, aconteceram as primeiras obras para implantação do Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC), tendo sido inaugurado em 26 de abril de 1990. Três dos quatro pavilhões do MVMC só foram concluídos na década de 2000. Além do museu propriamente dito, que funciona no prédio do antigo Hospital e abriga uma exposição permanente chamada “Poeira, lona e concreto”, foram previstos Núcleo de Documentação e uma série de oficinas do saber-fazer (localizadas nas antigas casas e alojamentos), tais como barro, fibra, madeira, cerrado, memória, entre outros (Oliveira, 2015, p.3).

Em seus primeiros anos de atividade, o museu funcionou muito bem e de forma muito ativa. Porém, com o tempo, a ausência de recursos e investimentos no museu, além da falta de pessoas trabalhando nele para mantê-lo sempre ativo e em movimento, fez com que muitas ações que ele realizava fossem diminuindo. O museu atualmente ainda promove eventos, exposições temporárias e cursos.

O Museu Vivo da Memória Candanga está localizado no Lote D, Setor Juscelino Kubistchek, no Núcleo Bandeirante, Brasília-DF. A estrutura do museu conta com exposições de longa duração, salas para exposições temporárias de diversas temáticas, de artistas locais e de outros estados, dando espaço para divulgação dos trabalhos artísticos que vão além da temática do museu. Há ainda os espaços de encontro de artesãos, que ocorrem nas “casinhas coloridas”, que funcionavam como moradias dos funcionários da saúde quando ali ainda era um hospital. O museu tem também um auditório que abriga eventos, seminários e atividades educativas.

A área verde do museu também é grande e cheia de possibilidades de uso, não só pelo museu como pela comunidade em geral. É comum ver grupos fazendo piqueniques, tirando fotos, crianças correndo e brincando no parquinho, dentre outras atividades. O museu possui uma exposição de longa duração que está em cartaz já há muitos anos na instituição, passando por poucas alterações no período.

Trata-se da exposição “Poeira, Lona e Concreto”, que tem por objetivo narrar a história de Brasília no período de sua construção e inauguração em 1960. De acordo com o site oficial do Governo do Distrito Federal, o Museu Vivo da Memória Candanga conta com um acervo considerável de objetos e fotografias, “[...]fotos de Mário Moreira Fontenelle, que foi o primeiro fotógrafo oficial de Brasília, e dos fotógrafos Peter Scheir e Joaquim Paiva”⁸.

⁸ <https://www.df.gov.br/museu-vivo-da-memoria-candanga-2/>, acesso 06 de nov. de 2024.

Dentre as imagens expostas há fotos de Juscelino Kubitschek, de trabalhadores, dos canteiros de obras na construção de Brasília e outros. Além das fotografias há também a ambientação do hospital na época (imagem 9), antes de ser transformado em um museu. Esta ambientação conta com alguns equipamentos do próprio hospital. Há também a ambientação do Brasília Palace Hotel, que conta em seu conjunto com duas camas de solteiro e outros objetos, recriando um quarto de hotel da época (imagem 10). Além do quarto de hotel também há uma área que recria uma barbearia da época.

Imagem 9: Ambientação de um consultório médico do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Imagem 10: Ambientação de um quarto do Brasília Palace Hotel.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Imagem 11: Fotografias de trabalhadores e moradores da Cidade Livre.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Imagem 12: Objetos e utensílios de cozinha utilizados na construção de Brasília.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

E por fim, há um espaço onde estão algumas fotos dos candangos e malas que podem possivelmente ter sido deles (imagem 11). A exposição Poeira, Lona e Concreto não se encerra aí, há muito mais objetos, fotografias e espaços a serem explorados no museu.

Para iniciar nossa análise dos pontos da exposição “Poeira, lona e concreto” que reforçam a história hegemônica de Brasília, partiremos das fotos tiradas do início da exposição em uma visita feita por mim. A exposição se inicia com a chegada dos trabalhadores em Brasília, sem dar muitos dados nem muita ênfase nesse processo. Começa nos apresentando fotos dos candangos que vieram para Brasília e o nome da exposição bem grande e destacado, conforme registrado nas imagens 13 e 14 a seguir. Neste primeiro momento, realmente podemos compreender, mesmo que de forma subjetiva, o sentido do título da exposição que nos remete a trabalho, obras, trabalhadores, construção.

Imagem 13: Imagem de abertura da exposição.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Imagem 14: Trabalhadoras e trabalhadores vindos rumo à Brasília (2024).



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Porém este sentido acaba se perdendo quando em seguida o foco muda completamente, e parte de forma repentina para os planos de idealização e mudança da capital para a região central do país. Segue respectivamente para a decisão de mudança da capital para a região central ainda no século XIX, apresenta imagens da Missão Cruls, ocorrida em 1892 (imagem 15), a campanha política de Juscelino Kubitschek em 1955 e a execução do plano 50 anos em 5 de JK, em 1956.

Imagem 15: Imagens da Missão Cruls (2024).



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Desse ponto a exposição parte para a apresentação dos projetos urbanísticos que participaram do concurso realizado para escolha do plano idealizado para a cidade, no qual Lucio Costa foi o vencedor (imagem 16). Há também registros de membros da NOVACAP, empresa responsável pelas obras em Brasília (imagem 17).

Imagem 16: O concurso de projetos.



Fotografia Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Imagem 17: A NOVACAP.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Saindo da apresentação do concurso de projetos em que Lucio Costa foi o vencedor, a exposição se encaminha para mostrar a marcação do famigerado Marco Zero, o “x” que representa o cruzamento dos dois eixos, monumental e residencial, idealizados por Lucio Costa. Em seguida, a exposição se encaminha para a parte que realmente é dedicada aos candangos. Porém essa parte da exposição é mais visual, são quase inexistentes os dados e as informações que possam dar relevância e destaque aos trabalhadores. Não é uma parte da exposição detalhada e cheia de informações, como o restante da exposição.

Até aqui podemos perceber uma certa invisibilização dessas pessoas, como se os candangos não possuíssem identidade própria, fossem apenas uma massa homogênea de pessoas, sem nome e sobrenome, sem história. E ainda podemos agravar mais essa invisibilização quando direcionamos nosso olhar às mulheres e crianças, pois são quase inexistentes as imagens em elas aparecem. Sabemos que esses indivíduos também vieram, mas o que faziam? Onde ficavam? Como viviam? Não há informações na exposição. Até mesmo o trecho do poema “A chegada dos candangos”, da terceira parte da Sinfonia de Brasília⁹, exposto junto com as malas dos candangos (ver imagem 18), nos remete a

⁹ Poema dividido em cinco partes escrito por Tom Jobim e Vinícius de Moraes para celebrar a inauguração de Brasília. Disponível em: http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=24. Acesso: 19 de nov. de 2024.

invisibilização das mulheres durante as obras de Brasília, pois sempre busca dar destaque ao protagonismo masculino (mesmo de uma forma um tanto grotesca e romantizada) como se apenas estes indivíduos tivessem vindo para as obras.

A chegada dos candangos

[...] começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores: os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra, e que, no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus-de-arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria, sobretudo do Norte; foram chegando do Grande Norte, do Meio Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Centro-Oeste e do Grande Sul; foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria...Dois locutores alternados - Boa Viagem! Boca do Acre! Água Branca! Vargem Alta! Amargosa! Xique-Xique! Cruz das Almas! Areia Branca! Limoeiro! Afogados! Morenos! Angelim! Tamboril! Palmares! Taperoá! Triunfo! Aurora! Campanário! Águas Belas! Passagem Franca! Bom Conselho! Brumado! Pedra Azul! Diamantina! Capelinha! Capão Bonito! Campinas! Canoinhas! Porto Belo! Passo Fundo!

Há algumas informações sobre o protagonismo feminino durante a construção de Brasília em uma outra exposição no museu, mas ainda assim são poucas as informações e a maior parte da exposição é visual, com fotos e objetos, com pouco ou nenhum texto explicativo.

Imagem 18: As malas dos Candangos.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Imagem 19: Fotografias dos candangos na Cidade Livre.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Imagem 20: Ambientação das obras de Brasília.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques do Reis, 2024.

A exposição vai se encerrando com as ambientações da barbearia, do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, algumas poucas imagens da Cidade Livre (imagem 19), ambientação dos canteiros de obras (imagem 20), um pouco sobre os fotógrafos oficiais de Brasília e a inauguração da cidade.

Assim como destacado pelo DePHA, esperava-se que o Museu Vivo da Memória Candanga fosse um local que contasse a história não oficial de Brasília e desse palco para contar a história dos trabalhadores, que também pudessem ser vistos como grandes protagonistas na história da construção da capital, além dos idealizadores Kubitschek, Costa e Niemeyer.

A Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF), órgão responsável pela gestão do museu, apresenta em seu site oficial o objetivo da instituição:

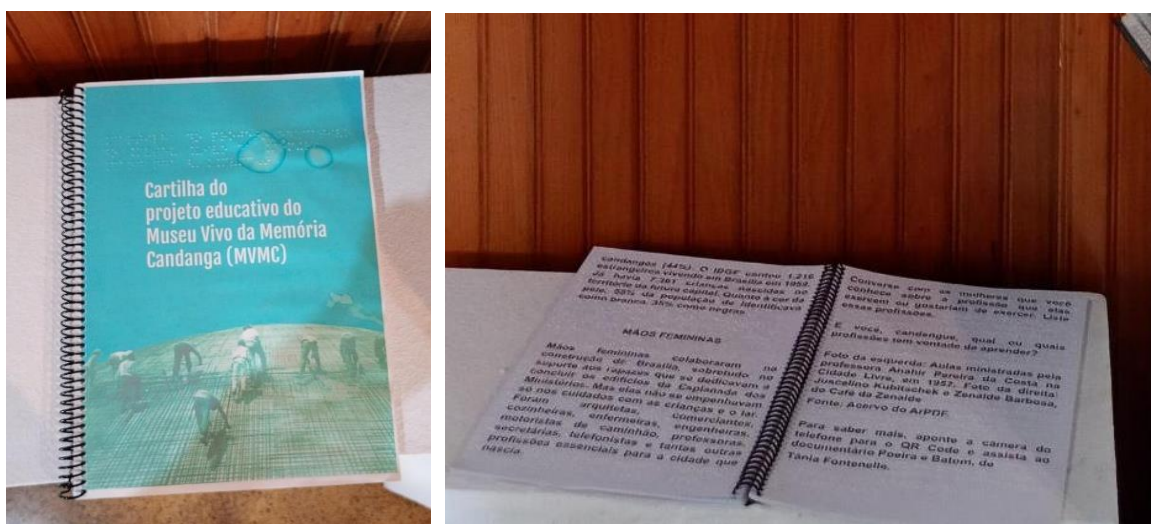
O ambiente tem como objetivo refletir a identidade acolhedora do povo brasileiro e, mais precisamente, do que veio a se tornar o povo brasiliense. O espaço convida a uma verdadeira viagem ao passado representando o suor dos trabalhadores que começaram essa nova cidade¹⁰.

¹⁰ <https://df.gov.br/museu-vivo-da-memoria-candanga> . Acesso em 10 dez 2024.

Sendo assim, se o objetivo do museu é contar a história não oficial de Brasília e representar a luta e esforços dos trabalhadores nomeados candangos, que assim levam o nome do museu, por que isso não ocorre na prática? Não é preciso parar de contar a história oficial de Brasília, afinal ela é um pano de fundo para narrar a história não contada de Brasília, a história a partir da perspectiva dos candangos. Mas se o objetivo é a história não contada, então se deve dar maior ênfase a ela. Apesar de o museu carregar o nome dos candangos como uma forma de representação, não é o que a exposição voltada a eles nos transmite, ela permanece apenas reproduzindo a história oficial de Brasília.

No entanto, apesar de toda essa problemática evidente na exposição Poeira, Lona e Concreto, percebe-se a tentativa do museu em trazer outras perspectivas e outras narrativas. Na Cartilha do Projeto Educativo do Museu Vivo da Memória Candanga (imagens 21 e 22), há a menção a temas como o protagonismo feminino e a presença do Quilombo Mesquita na construção de Brasília, dentre várias outras temáticas. Isso também é feito através do Instagram do museu, o @museuvivodamemoriacandanga, onde são feitas postagens que apresentam outras narrativas, que vão além da história hegemônica.

Imagens 21 e 22: Cartilha do Projeto Educativo do Museu Vivo da Memória Candanga.



Fotografia de Vitória dos Santos Marques dos Reis, 2024.

Com essas tentativas de mostrar os outros lados da história de Brasília para além da exposição de longa duração do museu, podemos ver que é possível sim trabalhar outras perspectivas. No próximo capítulo veremos algumas possibilidades de atividades

pedagógicas que podem ser feitas dentro da exposição “Poeira, lona e concreto” durante visitas escolares. São todas atividades sugestivas que professores podem usar em visitas ao museu com seus estudantes e todas estão em consonância com o Currículo em Movimento do Distrito Federal.

CAPÍTULO 3

Ressignificando o Museu Vivo da Memória Candanga: uma proposta de visita escolar

Segundo a definição aprovada em 24 de agosto de 2022 pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM),

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.

Sendo assim os museus são lugares de conservação de bens materiais e imateriais, mas também são espaços educativos por excelência. Podemos aprender nos museus, pesquisar, refletir, trocar conhecimentos e trazer novas perspectivas para o que nos está sendo apresentado em uma exposição. Além das exposições, todo o seu espaço pode ser explorado, pois os museus são lugares de experiência, de imaginação, de memória e de diversidade. Os museus rompem as barreiras do tempo e geográficas, nos permitindo viajar sem sair do lugar e fazer questionamentos, criando possibilidades de interagir com os objetos e a história. Apesar de ser um local principalmente educativo, não devemos separá-lo de seu papel de lazer, “sendo lugares de aprendizagem, são também espaços de lazer onde se compartilham sensações e emoções e uma dimensão não deveria eliminar a outra” (Pacheco, 2012, p.64).

Os museus são espaços educativos não escolares, ou seja, são também espaços de educação não formal que, como define Gohn (2013, p. 40), é a educação “que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos”. A educação não formal possui intencionalidade e valoriza o ato de participar, aprender, trocar ou transmitir saberes. Ocorre “em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais” (Gohn, 2013, p.8).

Assim, por meio de uma grande variedade de experiências que combinam práticas educativas e comunicação social, os museus buscam novas alternativas para seu papel educacional. Sabemos que a maior parte do público que frequenta os museus são as

escolas, como podemos ver nos dados da Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros: Um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal (PEMBrasil), de 2023. Nesta pesquisa é constatado que o público majoritário dos museus brasileiros são estudantes do ensino fundamental (83%), estudantes do ensino médio (80,2%), estudantes do ensino superior (66,7%), professores (59,1%) e educação infantil (58,8%). Observa-se que, muitas vezes, os museus são vistos como um complemento ao que é visto em sala de aula, um local onde os estudantes vão ver de forma material e visual o que foi aprendido. Porém, como explica a autora Maria Margaret Lopes:

A animação dos museus, em direção ao público escolar, não tem por objetivo, salvo muito raras exceções, satisfazer as necessidades deste público (sejam francos e honestos) ou mesmo responder à demanda pedagógica expressa pelos professores. Se considerarmos a literatura sobre o assunto, se participarmos, como eu o faço há muito tempo, de reuniões de educadores de museus, constatamos imediatamente que há para este tipo de animação somente duas motivações principais: justificar a existência da instituição-museu e valorizar o patrimônio (Lopes, 1991, p.1).

Os museus não deveriam ser complementares à escola, mas sim deveriam ser uma ferramenta a caminhar junto com ela, sua linguagem expográfica precisa dialogar com suas realidades, de maneira a levar as crianças e jovens a pensarem além de um conteúdo descontextualizado. Idas ao museu com a finalidade apenas de visita, de confraternização, talvez até mesmo como recompensa de alguma gincana e sem intencionalidade educacionais são válidas, mas deixam de explorar toda sua potencialidade no aprendizado. Nesses casos, o aluno pode acabar voltando para casa sem ter absorvido nenhum conhecimento e pode não ter relevância nenhuma, nem para ele, nem para a aprendizagem dele. Estes podem ser definidos como “os chamados “passeios”, momentos em que tanto professores como alunos desejam que não exista a obrigação de realizar qualquer aprendizado formal” (Pacheco, 2012, p.69).

Ao propor uma ação educativa em um museu, principalmente partindo de professores, é importante sensibilizar os estudantes sobre o papel dos museus enquanto espaço educativo, cultural e de memória. As atividades propostas “devem mobilizar os estudantes para as necessidades de aprendizagem disciplinar, mas também para as possibilidades de fruição presentes no interior de qualquer museu e assim possibilitar o enriquecimento cultural dos estudantes” (Pacheco, 2012, p.79). Também é de suma importância destacar como é fundamental a visita prévia do/a docente ao museu para conhecer melhor o espaço e sua dinâmica de funcionamento, tirar dúvidas com a equipe

do museu, agendar a visita e passar uma prévia de como é a turma que será levada e o que pretende fazer lá. Pois,

Ao planejar a exploração didática de uma exposição museológica, devemos pensá-la como um texto escrito com objetos. E considerar que este texto pode ser lido e interpretado de diferentes formas, com diferentes ênfases. O professor, para realizar um planejamento adequado ao espaço museal visitado, não pode deixar de fazer a sua leitura deste texto de objetos para apresentá-la e debatê-la com os alunos ao longo da atividade (Pacheco, 2012, p.70).

Ao fazer esta visita ao museu, a professora poderá também fazer uma separação melhor e mais objetiva de quais caminhos tomar para conduzir as atividades, além de já ter um conhecimento prévio do espaço, o que a deixará mais segura e preparada caso a atividade não ocorra como o planejado. Após a visita feita pela professora para cumprir todas as etapas acima citadas, o próximo passo é definir os conteúdos prévios a serem trabalhados com as crianças antes de levá-las ao museu para que elas tenham uma base sobre o que vão encontrar.

Partindo destes pressupostos, veremos o que o Currículo em Movimento do Distrito Federal, um dos documentos norteadores da educação no Distrito Federal, nos traz sobre o ensino de História, mais especificamente ao que se refere a História de Brasília. O Currículo em Movimento tem como um de seus objetivos demonstrar a importância da História para a educação integral do sujeito, já que ela é uma das bases que contribui para a compreensão da sociedade em diferentes momentos temporais, do eu e do outro, da interpretação crítica etc. Ele ressalta como o conhecimento histórico revela as diferenças entre os indivíduos em nível local, regional e nacional, e isso constitui os ambientes de convivência, e o respeito a essas diferenças é importante para o desenvolvimento do indivíduo enquanto sujeito. Sendo assim, o Currículo em Movimento afirma que:

(...) o conhecimento histórico se estabelece como uma forma de pensar, indagar, questionar e criar hipóteses acerca do passado e do presente. Dessa forma, a História se insere como um componente que auxilia a formação cidadã e subsidia a compreensão e a modificação da “realidade” social vivenciada pelos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 273).

No que diz respeito à proposta curricular do componente de História para o 4º ano no Ensino Fundamental, o Currículo em Movimento ressalta a importância de se trabalhar o fluxo migratório para o Distrito Federal, a história de Brasília, o desenvolvimento do

Distrito Federal e as características dos povos que migraram para o Distrito Federal. São estes os temas que mobilizam a proposta pedagógica apresentada a seguir.

Assim, a proposta apresentada aqui é uma sequência didática desenvolvida para a visita ao Museu Vivo da Memória Candanga, de cunho sugestivo e que poderá ser utilizada de forma total, parcial ou adaptada pelas professoras que a ela tiverem acesso. Os objetivos desta sequência, segundo o Currículo em Movimento e da própria atividade, são: investigar e criar hipóteses através de fontes históricas (fotos, malas); incentivar a criação através da imaginação; explorar e comparar o passado e o presente com foco nas profissões e objetos identificados no museu.

As atividades absorvem os seguintes objetivos de aprendizagem elencados no Currículo em Movimento são: “Identificar atores que contribuíram com a idealização de Brasília por meio de várias linguagens, principalmente aqueles invisibilizados pela historiografia, utilizando referências fílmicas, literárias e outras disponíveis em vários acervos de museus no DF” (p. 282); “Compreender a importância dos candangos no processo de edificação e formação da cidade, conhecendo as grandes ações e obras realizadas por eles” (p. 283); “Analisar a influência da procedência histórica e cultural das famílias que se fixaram no DF” (p. 283). Assim, esta sequência didática é composta de três momentos, abaixo descritos.

Primeiro momento: em sala de aula

A primeira etapa da sequência didática deve ocorrer em sala de aula, onde a professora irá ministrar o conteúdo sobre a temática que, posteriormente, as crianças encontrarão no Museu Vivo da Memória Candanga. No caso desta sequência didática, o conteúdo a ser trabalhado previamente é o “fluxo migratório para o Distrito Federal e as características dos povos que migraram para o Distrito Federal” (Currículo em Movimento do Distrito Federal, 2018, p. 283).

Para trabalhar o conteúdo de forma dinâmica e que desperte o interesse e imaginação das crianças, além de antecipar o que será visto pelas crianças na visita que farão, é importante que a professora use uma mala como objeto gerador.

Aqui temos como concepção de objeto gerador a ideia de Francisco Régis Lopes, Professor de História na Universidade Federal do Ceará. Assim como a ideia das palavras geradoras de Paulo Freire, que propõe a utilização de palavras conhecidas de adultos em

processo de alfabetização, podemos usar também objetos geradores para o ensino de História. E esse ensino de se dá da seguinte forma:

Em certo sentido, a pedagogia do diálogo contida na “palavra geradora” pode servir de base para o trabalho com objetos geradores. Por exemplo: em sala de aula, no museu ou em outros espaços educativos, o professor faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos, ou participantes de certo grupo, e daí realizaria exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos selecionados (Ramos, 2016, p.73).

O objetivo deste tipo de exercício é provocar reflexões nos indivíduos e fazer isso em coletivo. Ainda nas palavras do autor:

Cria-se um envolvimento coletivo para que cada um invente e conte uma história na qual o objeto tenha um papel decisivo: a fotografia que gerou um conflito, a roupa que despertou um romance, o ônibus que quebrou e possibilitou a conversa entre dois futuros amigos, o esclarecimento de um crime a partir da caneta encontrada pelo investigador... (Ramos, 2016, p. 73).

Nesse sentido, para a nossa proposta de sequência didática, sugerimos a utilização de uma mala como objeto gerador para que possamos iniciar uma conversa sobre viagens, migrações e, posteriormente, a vinda de trabalhadores de todos os cantos do país para trabalhar na construção da nova capital.

Não precisa ser uma mala muito grande e se a professora não conseguir uma, ela pode usar alguma bolsa que lembre uma mala. Dentro da mala a professora deve colocar diversas fotos e imagens dos candangos em diferentes momentos e também na construção da cidade. Muitas dessas imagens podem ser encontradas em sites como o do Arquivo Público do DF, Memorial da Democracia e diversos outros sites do governo do DF. Alguns exemplos de fotos que podem ser usadas:

Imagem 23: Construção da ponte sobre o Riacho Fundo na estrada que liga Brasília a Belo Horizonte.

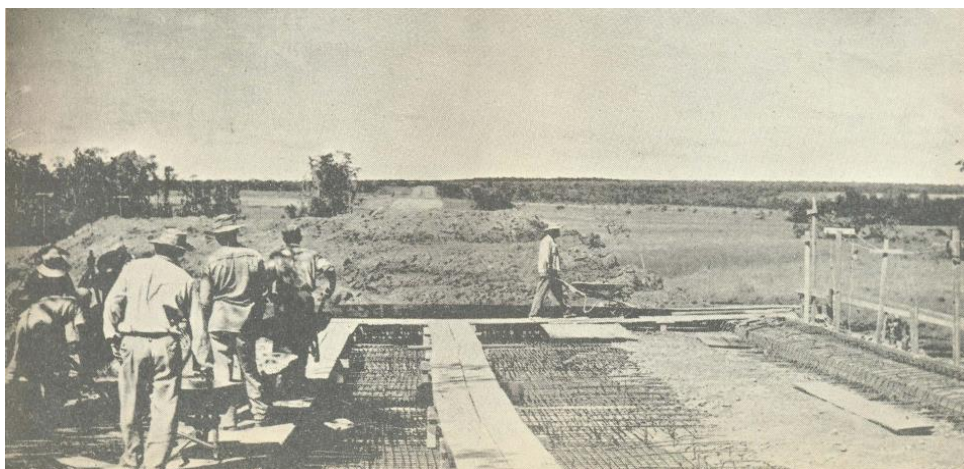


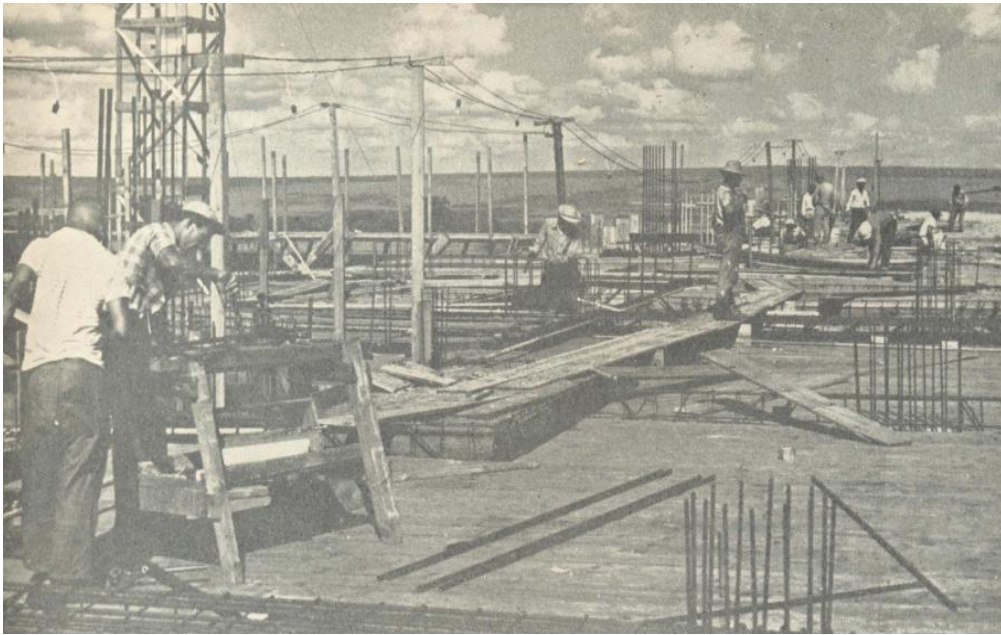
Foto de Mario Fontenelle. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal/ Revista Brasília nº 15.

Imagem 24: Obras da cobertura da Capela de Nossa Senhora de Fátima (1958).



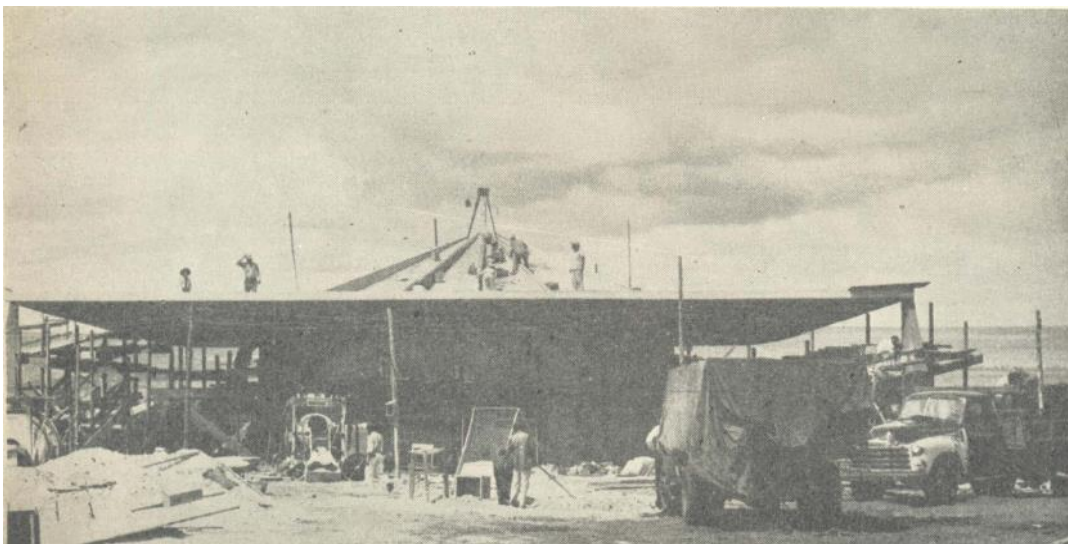
Foto de Mario Fontenelle. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal/ Revista Brasília nº 15.

Imagem 25: Construção de um dos edifícios residenciais do IAPI (1958).



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal/ Revista Brasília nº 16.

Imagem 26: Fachada posterior da capela Nossa Senhora de Fátima (1958).



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal/ Revista Brasília nº 16

Imagem 27: Alguns candangos chegam a Brasília.



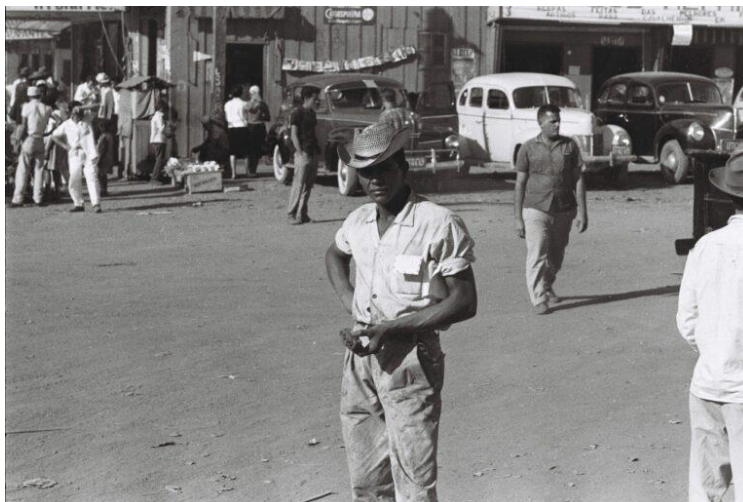
Fonte: Arquivo público do Distrito Federal. Disponível em:
<https://www.arquivopublico.df.gov.br/nucleos-de-apoio/>

Imagem 28: Uma família chega a Brasília.



Fonte: Arquivo público do Distrito Federal. Disponível em:
<https://www.arquivopublico.df.gov.br/nucleos-de-apoio/>

Imagem 29: A Cidade Livre.



Fonte: Arquivo público do Distrito Federal. Disponível em:
<https://www.arquivopublico.df.gov.br/nucleos-de-apoio/>

Imagem 30: Candangos em canteiro de obras na Esplanada.



Fonte: Arquivo público do Distrito Federal. Disponível em:
<https://www.arquivopublico.df.gov.br/nucleos-de-apoio/>

A professora inicia a aula colocando a turma sentada no chão em círculo e coloca a mala no meio. A partir de então, propõe algumas perguntas norteadoras sobre este objeto que podem levar os estudantes a uma discussão mais aprofundada, como por exemplo: “Para que serve uma mala?”; “Vocês já usaram uma mala? Quando?”; “O que se coloca

numa mala quando se viaja?"; "E se vocês fossem se mudar de cidade, o que vocês escolheriam levar na sua mala da mudança?". A proposta é conduzir a discussão até chegar nessa ideia de mudar de cidade para viver uma nova vida em um outro lugar, ou seja, as migrações. Seguir provocando a discussão com questões como: "Por que as pessoas mudam de cidade?"

Em seguida a professora deverá selecionar uma das crianças para abrir a mala e deixar que todas as crianças explorem todo o conteúdo que está lá dentro. É importante que a professora peça que as crianças conversem entre si sobre o que elas encontraram. Após um tempo de exploração das imagens por parte da turma, a professora deve pedir para que as crianças se sentem em grupos de 3 ou 4 crianças e escolham apenas uma foto. Logo após cada criança deve falar sobre a foto que escolheu, pode descrever a imagem, contar sobre as sensações causadas ou falar livremente o que quiser sobre ela. Podem ser inferências sobre a data dela, o que a/as pessoa/as estão fazendo, quem são elas, porque vieram para Brasília etc. Durante essa roda de conversa, a professora pode falar sobre as motivações que levaram os candangos a virem para Brasília, de onde vieram, com quem, trazendo informações sobre o tema que se agreguem às questões já trazidas pelas imagens.

Faltando pouco para o final da aula é necessário que a professora dê alguns avisos, preparando a turma para a visita ao museu. O que é permitido e o que não é permitido fazer no Museu Vivo da Memória Candanga, o que a turma irá fazer lá, como a visita será conduzida. Se já houver dado as autorizações para as crianças entregarem para os pais, é importante lembrá-las de que precisam que seus pais assinem, entre outros avisos importantes para que a visita seja tranquila, rica e prazerosa para todos.

É possível que este momento/aula se estenda por mais de uma aula, então é importante que se considere esta flexibilidade de que a sequência didática se estenda em 4 momentos.

Segundo momento: Visita ao Museu Vivo da Memória Candanga

O segundo momento da sequência didática é a visita ao Museu Vivo da Memória Candanga. Apesar de o museu contar com a possibilidade de agendamento de uma visita guiada com os educadores da instituição, sugerimos que a visita à exposição de longa duração - Poeira, Lona e Concreto - seja realizada com a professora da turma, pois ela irá direcionar a visita de acordo com a intencionalidade dela, que é dar maior ênfase aos

candangos dentro da exposição. Sendo assim, nesta proposta não consideramos a possibilidade de uma visita guiada pelo educador/mediador do próprio museu.

A visita guiada com a professora deve seguir um roteiro aqui já indicado, pois a proposta é realmente focar nos trabalhadores e seu protagonismo na construção de Brasília. Sugere-se começar a visita diante da primeira imagem da exposição (ver imagem 14, no capítulo 2), pois é uma imagem bem recolhida que também faz parte da exposição, porém pela forma que ela está posicionada não nos remete a tal. Ademais, é uma das únicas fotos que demonstra a presença de mulheres na época da construção de Brasília. As crianças devem explorar o que elas veem na fotografia, sendo orientadas a refletir sobre o que mais chama a atenção delas na imagem.

Em seguida deve partir para a imagem de abertura (ver imagem 13, no capítulo 2). Diante dela, a professora pode pedir que as crianças analisem também a imagem, discutam sobre o que elas estão vendo, explicar o título da exposição, discutir o que eles acham que os nomes "poeira, lona e concreto" remetem. Por que eles acham que os trabalhadores estão no caminhão? Para onde eles acham que eles estão indo? Fazer o que? A visita deve seguir para a ambientação do canteiro de obras (ver imagem 20, no capítulo 2), e da cozinha no meio da Esplanada dos Ministérios (ver imagem 12, no capítulo 2), onde a professora poderá instigar as crianças a pensar para que serve cada objeto na ambientação, para que eram usados, se foram os candangos que trouxeram, se os objetos ainda são os mesmos hoje em dia ou foram melhorados, quais tipos de comidas eram preparadas para os trabalhadores, se eles tinham que pagar por elas. Será que eles gostavam? Como era preparada essa comida? Quem preparava? Será que essa pessoa ganhava por isso? E várias hipóteses que surgirem a partir do diálogo com a turma.

Após este momento, a professora sugere que se dirijam ao espaço onde estão localizadas as malas e ao módulo da exposição intitulado Cidade Livre (ver imagens 11, 18, 19, no capítulo 2). Neste último momento as crianças podem ficar livres para explorar esses espaços expositivos, indo aonde chamar a atenção delas.

Ao final, a professora deve reunir as crianças e pedir que destaquem o que mais chamou a atenção delas e por quê. Isso pensando que as crianças podem se deparar com elementos como o cinema, as lojas de roupa (retratados nas fotografias deste módulo da exposição) dentre outras, que podem despertar a curiosidade delas. E a partir do que elas trouxerem em seus apontamentos, podem surgir diversas hipóteses, por exemplo, como eram os cinemas? Por que os estabelecimentos eram de madeira? Os medicamentos que

existiam antes ainda existem? Os candangos também frequentavam esses lugares? Todos tinham lugar para ficar? A professora deve incentivar as crianças a todo momento a analisarem com cuidado e atenção cada imagem, cada objeto, levantar hipóteses e questionamentos, a conversarem entre si, e, nas conversas com as crianças, instigá-las também com reflexões e questionamentos, pois é para ser um momento de descobertas, diálogo, pesquisa e troca de conhecimentos.

Após a visita guiada, a professora deve fazer o momento do lanche em formato de piquenique, em algum dos espaços livres do museu. A professora também pode liberar as crianças para brincarem livremente, pois o museu dispõe de uma extensa área verde e um parquinho de madeira.

Terceiro momento: A reta final

O terceiro momento ocorrerá em sala de aula. A professora pedirá que as crianças se sentem em grupos de 3 ou 4 componentes e ela deverá espalhar pelo chão as fotos utilizadas no primeiro momento. Enquanto ela espalha as fotos, as crianças devem eleger um colega do seu grupo para ir até o centro da sala e escolher uma foto. Em seguida, pedirá para que a criança eleita pelo grupo vá até as fotografias e escolha uma.

A partir da imagem escolhida e do que elas lembram da visita ao Museu Vivo da Memória Candanga, as crianças devem desenhar um candango da forma que elas imaginam. Após terminarem o desenho, elas devem também escrever um texto livre e criativo. A proposta deste texto é fazer um trabalho de imaginação histórica, no qual elas contarão a história desse candango: o nome e sobrenome, origem, história de vida, motivos para ter vindo para Brasília, o que fazia durante a construção de Brasília e o que aconteceu depois da construção. Essa pessoa ficou por aqui ou voltou para seu lugar de origem? Ela ainda é viva? O que ela faz hoje?

Por fim, a professora poderá fazer um mural com a ajuda das crianças para expor seus desenhos e textos para que outras pessoas vejam e conheçam os candangos que agora, pelas mãos das crianças tem uma história, tem identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início as considerações finais deste trabalho destacando um ponto que permeia toda esta pesquisa: a identidade, a importância de se sentir parte de algo, neste caso, de se sentir e ser reconhecido como parte da história de Brasília. E para que isso ocorra, principalmente no caso do ensino de história local, é importante que se tragam outras narrativas para além daquela oficialmente contada. É muito importante que se estimule também as narrativas dos próprios estudantes e seus familiares, já que muitos deles podem ser descendentes ou conhecer alguém que migrou para a nova capital, que esteve aqui nos primeiros anos ou até mesmo ajudou na construção da capital. Destaca-se, ademais, a importância de se mostrar que a história do Distrito Federal não acaba com a inauguração de Brasília, mas que segue sendo dinâmica e plural, em seus diversos sujeitos e territórios.

Sublinho um outro ponto muito importante observado ao longo da análise da exposição de longa duração “Poeira, Lona e Concreto” do Museu Vivo da Memória Candanga. Por mais que esta exposição, ao contrário do que seu nome sugere, apresente um foco nos “heróis” idealizadores de Brasília e aborde de forma secundária os trabalhadores que vieram construir a cidade - os candangos -, o museu busca formas de também trazer outras narrativas por meio de suas redes sociais, como o Facebook e o Instagram, pela cartilha do educativo do museu e também com as visitas guiadas pelos educadores da instituição (que atualmente é uma estagiária do Curso de Pedagogia), que podem abordar outros elementos e narrativas, indo além do que está presente na exposição.

Muitos objetos e imagens do museu não trazem muitas informações, apenas legendas com o nome do fotógrafo ou a data de registro. Essas lacunas permitem um trabalho interessante de leitura e análise de objetos e fontes históricas, a partir de inferências, em um trabalho de imaginação histórica com os estudantes. Outro ponto a ser considerado, ao propor uma atividade no museu onde tanto professores quanto alunos estão envolvidos e participando ativamente das muitas etapas, o processo de ensino e aprendizagem se torna mais significativo.

Por fim, esta pesquisa mudou completamente minha visão sobre a educação e a educação em museus. Inicialmente eu não via nem percebia o espaço museal como um espaço educativo, de pesquisa, reflexão, apenas como um local aonde vamos, olhamos

algumas peças expostas e depois vamos embora. Porém minha percepção mudou e hoje entendo, como é possível observar na pesquisa, que os museus não só são espaços educativos, como também são espaços de pesquisa, experiências, diálogos e trocas que podem muito bem dialogar com a sala de aula, sem a necessidade de complementá-la, mas sim de trazer novos olhares.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. “O ensino de História nos anos iniciais: como se pensa, como se faz”. In: **Antíteses**, vol. 5, núm. 10, jul-dez 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo Companhia das Letras, 2009.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Governo do Distrito Federal. Praça do Cruzeiro: A praça que tudo testemunhou. Distrito Federal. Disponível: <https://www.arquivopublico.df.gov.br/praca-do-cruzeiro/>. Acesso: 25 jul. 2024

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Revista Brasília. ArPDF. Disponível em: <https://www.arquivopublico.df.gov.br/revista-brasilia/>. Acesso em: 21 dez. 2024.

DISTRITO FEDERAL. **Decreto nº 9.036, de 13 de novembro de 1985**. Dispõe sobre o tombamento do conjunto do Hospital JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA - HJKO e dá outras providências. Distrito Federal, ano X, n. 217, p. 3-4, 1985.

DISTRITO FEDERAL. Museu Vivo da Memória Candanga. Governo do Distrito Federal, 2020. Disponível em: <https://www.df.gov.br/museu-vivo-da-memoria-candanga-2/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. Currículo em Movimento do Distrito Federal - ensino fundamental: anos iniciais – anos finais. 2. ed. Brasília, 2018.

FELLET, João. A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília - e teme perder terras para condomínios de luxo. BBC News Brasil, São Paulo, 1 jul. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44570778#:~:text=Catetinho,desde%20o%20in%C3%ADcio%2C%20em%201956>. Acesso em: 30 jul. 2024.

GABRIELE, Maria Cecília Filgueiras Lima. **Museu Vivo da Memória Candanga: a musealização do patrimônio arquitetônico**. Anparq, 2010. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-750-1-SP.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2024.

GOHN, Maria da Glória. “Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos”. In: **Investigar em Educação: Educação Não Formal e Aprendizagens Informais**, Porto - Portugal, II^a Série, nº1, p. 3-265, 2014.

ICOM aprova nova definição de museu. Conselho Internacional de Museus Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 21 nov. 2024.

LEITE, Cristina. GARCIA-FILICE, Renísia. (2015). “O Ensino de História e Geografia no DF: Percalços e percursos de uma única história chamada Brasília”. In: **História e Diversidade**, Vol. 6, n. 1, 2015.

LOPES, Maria Margaret. “A favor da desescolarização dos museus”. In: **Educação & Sociedade**, n.40, p.443-455, dez.1991.

NERES, Manoel Barbosa. **Quilombo Mesquita: História, cultura e resistência**. Brasília, DF; Gráfica Conquista, 2016.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. Tombamento dos Remanescentes do Complexo do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira. **Iphan**, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/iphane/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/banco-de-pareceres/tombamento/Remanescentes%20do%20Complexo%20do%20Hospital%20Juscelino%20Kubitschek.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. “O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus”. In: **Tempo e Argumento: Revista do Programa de Pós Graduação em História**, Santa Catarina, v. 4, n. 2, 2012. DOI 10.5965/2175180304022012063. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304022012063>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PESQUISA NACIONAL DE PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS MUSEUS BRASILEIROS [livro eletrônico]: um panorama a partir da política nacional de educação museal : relatório final / [coordenação Daniele Pereira Canedo, José Roberto Severino ; [pesquisadoras Caroline Fantinel...[et al.]]. -- 1. ed. -- Joinville, SC : Casa Aberta Editora e Livraria : Instituto Brasileiro de Museus, 2023.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. “Objeto Gerador: Considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história.” In: **Revista Historiar**, Ceará, ano 1, v. 8, n. 14, p. 70-93, 2016. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/234/206>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SILVA, Cyntia Temoteo da Costa. **Lugares de memória do Quilombo Mesquita**. Trabalho de conclusão (Pós-graduação em arquitetura e urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2018. p. 100.